

O VALOR CULTURAL DA LEITURA NA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL

Samira Dall Agnol¹

Resumo: Breve exposição considerando algumas relações existentes entre as práticas de leitura e as condições socioeconômicas e culturais da Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS). A leitura nessa região – como em grande parte do país – ainda não é uma prática valorada pela sociedade de um modo geral, dificultando, dessa forma, sua caracterização como uma prática cultural. Mesmo que a leitura seja entendida como uma atividade importante e necessária, ela é realizada pelo prazer de ler e por iniciativa própria apenas em raras exceções, pois ainda carrega a idéia de atividade exclusivamente escolar. Tendo traçado o quadro, é válido perceber e congratular todos os esforços que vêm sendo realizados, tanto por instituições de ensino e por professores em caráter singular quanto por órgãos públicos e pela mídia, na tentativa de transformar a leitura em uma das práticas culturais característica da RCI-RS.

Palavras-chave: Práticas de leitura, Condições socioeconômicas e culturais, Valor social da leitura.

Abstract: This paper is a brief account of relations between the practice of reading and social, economic and cultural conditions in the Região de Colonização Italiana of Rio Grande do Sul (RCI-RS). Reading in this region – as in much of the country – is not yet generally valued as a social practice, thus hindering its characterization as a cultural practice. Even if reading is understood as an important and necessary activity, it is carried out for pleasure and by one's own initiative only as a rare exception, for the reason that it still carries the idea of being an exclusively scholarly activity. Having outlined the picture, it is valid to recognize and congratulate all the efforts that have been made, both by educational institutions and by teachers individually, and by public organizations and the media, in attempts to transform reading into one of the cultural practices that characterize the RCI-RS.

Key words: Reading practices, Social, economic and cultural conditions of reading, Social value of reading.

¹ Mestre em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul – UCS; Professora de Língua Portuguesa e Literatura e Língua Inglesa na rede privada de Caxias do Sul. O presente artigo resulta de palestra proferida na 23. Feira do Livro de Caxias do Sul, no dia 13 de outubro de 2007. Endereço eletrônico: samiradagnol@yahoo.com.br.

1 A CULTURA DA REGIÃO E A LEITURA

Ler é [...] um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo (Ezequiel Theodoro da Silva, 1997).

Refletir sobre a leitura implica pensar em desejo de transformação e de mudança. Afinal, é esse desejo que faz o leitor sentir o prazer do texto, o prazer de ler. É na busca desse leitor que este texto nasce, toma forma e se movimenta.

Nesse sentido, surgem como desencadeadoras determinadas asserções referindo-se à população em geral da Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS), afirmando que “aqui pouco se lê” ou que “as pessoas pouco lêem”, que “as pessoas não têm o hábito da leitura” e ainda que “a leitura não é prestigiada”. Os não leitores também fazem afirmações desse gênero, dizendo que “a leitura não é importante na vida das pessoas” ou que “não lêem porque não gostam” ou mesmo “porque é cansativo e exige muita concentração”.

Mais que instigadores, esses enunciados apresentam um desafio a ser enfrentado, pois se articulam em forma de rede envolvendo o problema da leitura, do leitor e da história da formação de leitores da RCI-RS. A partir de tais depoimentos, despontam questionamentos do tipo: que valores embasam tais afirmações? Que sociedade seria essa que não pratica a leitura? De que forma essa sociedade interpreta, critica e age sobre o mundo? Em que medida aspectos extralinguísticos, como fatores econômicos e culturais, interferem nas práticas de leitura?

Comumente, nas rodas de amigos, na escola e até na universidade, ouve-se falar que as pessoas lêem pouco ou quase não lêem, e que esse é um problema sério, para o qual a solução não deve partir apenas da escola. Ouve-se ainda que a escola, ao invés de estimular a leitura, apenas obriga a ler, sem construir um vínculo afetivo entre livro e leitor. Outra questão bastante presente nesse meio é a relação entre trabalho e leitura, pela qual as pessoas justificam a ausência do hábito de ler em virtude das horas exaustivas de trabalho e afirmam ter também dificuldades financeiras para comprar livros.

A partir desse prisma, pretende-se fazer uma breve explanação sobre o que se entende por leitura e sobre algumas relações que podem ser estabelecidas entre as práticas de leitura e as condições socioeconômicas e culturais da Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS), tendo por base a dissertação de mestrado intitulada “A leitura e seu valor social – um estudo sobre práticas de leitura e condições socioeconômicas e culturais”, defendida na Universidade de Caxias do Sul dentro do programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional no início do segundo semestre deste ano. Para tanto, este texto foi seccionado a fim

de dar conta do que se compreende por leitura, das práticas de leitura na RCI-RS e, por fim, do valor que a leitura assume na cultura dessa região.

2 POR UM CONCEITO DE LEITURA

Apesar de tudo, a história das andanças do homem através de seus próprios textos está ainda em boa parte por descobrir (Michel de Certeau, 1994).

Já é de praxe compreender a leitura sob, no mínimo, duas grandes abordagens: a abordagem cognitiva e a abordagem da leitura como prática social. A fim de compreender o conceito de leitura trabalhado neste texto, faz-se necessário refletir brevemente sobre esses dois prismas da leitura.

2.1 LEITURA COMO PROCESSO COGNITIVO INDIVIDUAL

A leitura como processo cognitivo de compreensão textual tem sido discutida por diversos autores. Por exemplo, Garcez (2001), quando define leitura, apresenta-a como um processo complexo, o qual abrange desde a decodificação dos signos lingüísticos até a compreensão do mundo. Segundo a autora, a leitura envolve processos mentais, além da memória, da imaginação e da emoção. Diz ainda que envolve elementos lingüísticos, mas também os da experiência de vida dos leitores.

Kleiman (1995), por sua vez, focaliza a leitura como um processo psicológico, no qual o leitor faz uso de diferentes estratégias embasadas no conhecimento prévio da língua e da realidade. A utilização de diversas estratégias exige a mobilização e a integração de diversos tipos de conhecimento, fazendo com que o leitor interaja com o texto através de inferências, analogias, sínteses e análises, entre outras.

A definição de leitura de Leffa (1996) vai ao encontro da definição de Garcez (2001) e da de Kleiman (1995), pois, apesar de perceber a leitura como um processo de representação, ou seja, a língua ou o texto serve de ponte entre o leitor e a realidade, afirma que a verdadeira leitura só ocorre quando o leitor possui conhecimento prévio do mundo e, mais especificamente, do assunto sobre o qual está lendo.

Apesar das particularidades de cada um dos conceitos, o ponto comum entre esses autores está na ênfase no conhecimento prévio para a compreensão em leitura.

Há autores que abordam outros aspectos, ainda dentro dessa abordagem cognitiva, como, por exemplo, Neis (1982) que se preocupa em diferenciar os tipos de leitura como: direta e indireta, sendo a primeira sem a mediação do oral e a segunda pelo intermédio da oralidade; subdivide a leitura direta em *integral* e *seletiva*, sendo a primeira a leitura aprofundada, analítica enquanto a segunda é uma leitura

de busca, de rastreamento da informação. Diz ainda que cada um desses tipos de leitura será selecionado pelo leitor ‘adulto’, ou seja, proficiente na língua, a partir dos objetivos de leitura.

Já Solé (1998) afirma que as habilidades de decodificação e as estratégias de compreensão da leitura são elementos indispensáveis para sua realização, pois será a partir desses elementos que o leitor realizará um processo constante de criação e verificação de hipóteses sobre o texto. Ambos os autores trabalham em maior ou menor grau com estratégias de leitura, as quais vão desenvolver-se de acordo com a maturidade do leitor.

Smith (1989), por sua vez, seguindo também a linha cognitiva, preocupa-se com elementos fisiológicos da leitura, como os movimentos dos olhos, e elementos cognitivos, como a memória. Destaca a interferência da oralidade na leitura fluente, mas seu foco é a leitura significativa, ou seja, o leitor deve perceber a relevância daquele texto que está lendo, não apenas de forma racional, mas de forma afetiva, principalmente quando se busca a formação do leitor. Smith (1989) aborda uma questão extremamente relevante para a formação do leitor que é a idéia de significação da leitura, ou seja, do vínculo entre leitor e texto. Sem a criação desse vínculo, não há como formar um leitor, afinal o ser humano somente vincula-se àquilo que é relevante para ele, àquilo que suprirá suas necessidades e expectativas.

2.2 LEITURA: PRÁTICA SOCIAL

Quando o leitor consegue não apenas compreender as idéias centrais propostas pelo texto, mas, principalmente, perceber o texto como uma forma de subversão (ou sub-versão) da realidade, está atingindo um dos pontos altos da leitura. Nesse sentido, o texto se torna um aliado do leitor porque permite o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia, pois capacita o leitor a ‘ler’ a realidade na qual está inserido e a transformá-la, não tomando como ‘bom’ e ‘certo’ tudo o que lhe é proposto. Tendo o texto como um parceiro (e não como um obstáculo), o leitor torna-se um cidadão atuante e liberto, de acordo com Freire (2005).

Dentro dessa perspectiva, surgem alguns autores como Foucambert (1994), o qual afirma que o ato de ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo. Para ele, a leitura não passa pela decodificação dos signos, ela já nasce com outra natureza, com outro objetivo, o de refletir sobre o mundo para poder agir e interagir com ele.

Chartier (2001) também percebe a leitura através desse prisma, afirmando que ler é “constituir e não reconstituir um sentido” (CHARTIER, 2001, p. 107). Ler, para o autor, é dar um sentido global ao texto, é reunir diferentes elementos intra e extra-textuais, é fazer relações entre o que se lê e o que se vive.

Já Silva (1997) vê a leitura como um ato libertador e argumenta que uma sociedade que consegue expor seus anseios e reivindicar seus direitos é menos influ-

enciável, mas, segundo ele, esse tipo de sociedade livre porque leitora nunca interessou aos governantes, os quais sempre preferiram escolher e tomar as decisões pelo povo. Através disso, talvez se explique o pouco interesse do governo em promover campanhas de incentivo à leitura nas escolas e na sociedade de um modo geral.

Segundo Rösing e Silva (2001), compreender a leitura como uma prática social significa percebê-la como uma forma de aprimoramento do ser humano, nas relações e ações sociais e ainda como uma forma de desvelar a realidade, de compreender suas relações, seus percalços, sua complexidade, criticando-a e transformando-a.

Freire (2005) sintetiza as concepções expostas afirmando que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2005, p. 20). A leitura é entendida como uma forma não apenas de compreensão do mundo mas também de transformação, de reescrita da realidade, através de práticas conscientes.

Portanto, o conceito de leitura adotado considera os conceitos expostos, compreendendo a leitura como um processo gradativo que passa pela decodificação de signos, na fase inicial, para depois, juntamente com o conhecimento prévio do leitor, compreender o texto que se está lendo, considerando também seu contexto de produção, sendo esta etapa já de interpretação do texto, para, por fim, ocorrer a interação entre texto-leitor-realidade a fim de questioná-la e transformá-la. Ou seja, a leitura é compreendida sim como um processo individual, mas que se constitui num processo de aprimoramento de cada indivíduo e também de suas relações com o grupo social, suas ações e práticas sociais, desvendando e buscando compreender os entrelaçamentos e a complexidade da sociedade, criticando-a e transformando-a.

No entanto, não são todas as pessoas que compartilham dessa visão sobre a leitura. A maioria vê a leitura como uma atividade sem resultados práticos, como perda de tempo ou até como um perigo, e essa visão não acompanha apenas o pensamento da sociedade atual, mas vem de outros momentos sócio-históricos. É o que se apresenta a seguir, buscando algumas relações entre as práticas de leitura e as condições socioeconômicas e culturais da RCI-RS.

3 AS PRÁTICAS DE LEITURA NA RCI-RS

O imigrante italiano não vivia apenas do pão de seu trabalho. Era portador de um patrimônio cultural, cuja reconstituição, no meio das matas virgens do Rio Grande do Sul, foi uma preocupação tão importante, quanto a busca do seu bem-estar material. Foi a reconstituição de seus valores culturais, centralizados em torno da religião católica, que permitiu ao imigrante italiano, superar as dificuldades iniciais e fazer esquecer a terra natal (Olivio Manfroi, 1975).

Como ocorreu com a maioria das localidades da RCI-RS, colonizadas por imigrantes italianos, eram tantas as necessidades daquele grupo de pessoas que tanto a escola quanto a leitura foram deixados à margem. Com a resolução desses problemas primários, a escola começou a ser pensada, por um longo período, apenas pelos religiosos, mas, com o passar do tempo, toda a sociedade engajou-se nessa idéia.

No entanto, a implantação da escola não foi suficiente para germinar o prestígio da leitura. Conforme afirma Manguel (1997, p. 89-90):

em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação, de passagem ritualizada [...]. A criança, aprendendo a ler, é admitida na memória comunal por meio de livros, familiarizando-se assim com um passado comum que ela renova, em maior ou menor grau, a cada leitura.

Sem dúvida, esse ritual existe e é consolidado a cada turma de alunos alfabetizada. Entretanto, ao ato de ler não é instituído um valor cultural, uma vez que, desde os primórdios, essa sociedade deixou a leitura em segundo plano, talvez não por opção, por desejo, mas por necessidade.

Essa constatação sócio-histórica foi apenas reiterada pelos dados coletados e analisados na dissertação. Esses dados são indícios que levam a afirmar que, se existe algum impedimento para que alunos e professores leiam, esse não se vincula à questão financeira, pois muitos são os indícios da prosperidade econômica da região. É muito mais provável que a prática da não leitura esteja vinculada a aspectos culturais dessa região.

Desse modo, vale dizer que se entende por região o estabelecimento de uma rede de relações que se constroem no tempo e no espaço (BOURDIEU, 2001; POZENATO, 2001). Percebe-se também que o que compõe uma região, entre vários outros aspectos, são os valores culturais, os elementos que cada sociedade elege, na tentativa de imprimir às gerações seguintes um modo de ser, de perceber e de interagir com o e no mundo.

Entretanto, mesmo que a realidade atual em relação às práticas de leitura não seja tão positiva quanto se almeja, é possível crer em uma mudança de valores

ou, no mínimo, na inserção da leitura, embora de forma lenta, no rol de valores culturais que caracterizam essa comunidade.

Atualmente, a leitura é sinônimo de cobrança, de obrigação. Contudo, essa sociedade insiste na idéia de que ler é importante, é necessário. Por esse motivo, é possível cogitar que a leitura já faz parte dessa comunidade, infelizmente, em um sentido distorcido ou parcial. Esses sinais e movimentos da comunidade (promoção de feiras, momentos de leitura nas escolas, incentivo através da mídia, etc.) na tentativa de conquistar leitores provam que, embora as práticas de leitura sejam compreendidas de forma simplista ou parcial, há uma força que busca a mudança do *habitus* de não ler para o seu oposto, o *habitus* de ler.

É válido também refletir sobre essa comunidade, considerando que ela percebe a leitura como futilidade, em muitos casos, uma vez que o que tem valor é o trabalho, a família e a religião, como postulam Herédia e Paviani (2003). De uma forma geral, o que tem valor é o esforço de cada um em ter. A leitura auxilia o leitor a ser mais autônomo, mais crítico, mais instigador, não a ter e é provável que ela seja vista por essa sociedade como uma atividade sem benefícios práticos ou imediatos. Assim como afirma Paviani (2006, p. 25):

quando uma sociedade é demasiadamente pragmática, imediatista e possui determinados valores em detrimento de outros, é possível que esse quadro perdure como um ponto de referência para as gerações que nela vivem. Se a prática da leitura, para essa população, por várias gerações, ficou em segundo plano, é possível que agora haja ainda alguns resquícios de resistência à prática de leitura.

Logo, ler pelo prazer de ler não tem valor para a grande maioria das pessoas que compõem a RCI-RS. Ser leitor é apenas ser, portanto, para uma sociedade em que ser é sinônimo de posse, de bens, ler não acrescenta, não conquista, não faz crescer, não faz evoluir, tem pouco significado.

Na escola, a leitura é sinônimo de cobrança, mesmo existindo um discurso que reclama sua importância. Na vida social, a leitura tem função informativa, especialmente quando vinculada ao trabalho ou ao estudo. Então, o leitor por opção, aquele que gosta de ler sem querer em troca de desempenho escolar ou profissional, não existe?

Bourdieu talvez explique essa pouca força das práticas de leitura, uma vez entendidas como traço cultural. Bourdieu (1998 apud DURANTI, 2000) através da noção de *habitus*, compreendida como um conjunto de disposições com dimensões históricas pelo qual os iniciantes adquirem competência ao iniciar-se na realização de atividades mediante uma série de expectativas criadas sobre o mundo e sobre os modos de estar nele, reitera a força da história na valorização e no prestígio de determinadas práticas culturais em detrimento a outras. Pelas palavras de Bourdieu (1998 apud DURANTI, 2000, p. 74) o *habitus* “é a presença ativa de todo o passa-

do do que se é produto: é o que proporciona às práticas a sua independência relativa em relação às determinações exteriores do presente imediato”.

Sendo assim, é necessário considerar todo o percurso histórico dessa região, sua formação, seus objetivos a ser colonizada e, principalmente, as dificuldades, as angústias e os anseios dos imigrantes. Esses imigrantes imprimiram aos seus descendentes valores que constituíram um modo de ser direcionado ao trabalho. E isso se deve à necessidade de terem de fazer escolhas para sobreviver na nova terra. Essas escolhas transformaram-se em modos de ser, os quais devem carregar até hoje resquícios dos objetivos e metas traçados pelos antigos colonos.

Sem dúvida, as condições socioeconômicas e culturais da RCI-RS, em especial as dimensões histórica e cultural, influenciam até a atualidade o que se torna *habitus*. Hodiernamente, a leitura ainda não atingiu esse patamar, não foi privilegiada por esses fatores, por isso, caminha a passos lentos em direção à mudança, a sua inserção nas práticas culturais na RCI-RS.

Considerando o conceito de leitura adotado, o qual procura compreender a leitura como um processo gradativo que passa pela decodificação de signos, para, em seguida, junto com o conhecimento prévio do leitor, compreender o texto e seu contexto de produção, para que ocorra a interação entre texto-leitor-realidade, com a intenção de questioná-la e transformá-la, verifica-se que essa perspectiva da leitura ainda não encontra ressonância, principalmente quando se refere à leitura como prática social, como meio de desenvolvimento do ser humano, de transformação da realidade, de motivo para reunir as pessoas, de assunto para as conversas.

4 A LEITURA E SEU VALOR SOCIAL

O tempo para ler é sempre um tempo roubado. [...] Roubado a quê? Digamos, à obrigação de viver [...]. O tempo para ler, como o tempo para amar, dilata o tempo para viver[...]. A leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser. A questão não é de saber se tenho tempo para ler ou não [...], mas se me ofereço ou não à felicidade de ser leitor (Daniel Pennac, 1993).

No geral, e também considerando os dados coletados, as pessoas mostram que a leitura é simplesmente uma atividade escolar, vinculada ao processo de ensino e aprendizagem, sem perspectivas de atuação na comunidade. Esse ângulo da questão permite vincular o modo de pensar às condições socioeconômicas e culturais, compreendidas como um conjunto de fatores históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais que constituem e caracterizam os grupos sociais. Desse modo, é imprescindível considerar o percurso sócio-histórico da RCI-RS, afinal são as características, os objetivos, os percalços do passado que, provavelmente, continuam influenciando o processo de fortalecimento e/ou enfraquecimento de determinados valores e práticas socioculturais, dentre elas, a prática da leitura.

Nesse sentido, assim como destaca Paviani (2006), a família, a escola e a sociedade podem formar leitores acrescentando à leitura um valor cultural. Seria possível modificar as características dessa comunidade, no que tange às práticas de leitura, “se as atuais gerações investirem na formação de leitores e, talvez, num futuro próximo, a realidade dessa região passe a se caracterizar não pela prática da não leitura e sim pela prática da leitura” (PAVIANI, 2006, p. 25).

Tal afirmação é bastante válida quando se considera o esforço que vem sendo feito por vários setores, promovendo feiras e projetos, reservando espaços, incentivando e valorizando a leitura. Afinal, é na escola que o livro encontra seu berço, seu primeiro lar, seus amigos mais jovens e criativos, mas é em casa que o livro ganha laços familiares, respeito, valor e significado. Essa mudança, esse processo de reversão, só acontecerá quando o livro não pertencer à escola, ao professor ou ao aluno, mas quando ganhar significado dentro de casa, quando for motivo para reunir pais e filhos, quando embalar o enredo dos sonhos das crianças.

A mudança de atitude de pais e professores pode, de forma incisiva, modificar os valores culturais das gerações que os seguirão. Por isso, é de suma importância o papel desses dois grupos, formadores de opinião e de valores, em relação à leitura. Somente quando pais e professores estiverem convencidos de que ler é imprescindível para a transformação da realidade, é que eles estarão aptos a iniciar a conquista de novos leitores.

No que concerne à escola, quando ela promover a identificação do aluno com a comunidade escolar, fazendo-o sentir-se parte de um mesmo grupo, a proliferação das práticas de leitura poderão ser muito mais frutíferas. Assim como afirma Foucambert (1994, p. 48):

se o grupo vive em conjunto o projeto interno de ler, a partir de projetos voltados para o exterior, a fim de compreender e transformar o que no meio social [...] exclui cada um dos alunos das redes de comunicação escrita; se o grupo está atento ao seu próprio funcionamento, a escrita será para todos o meio, a condição, o signo e a consequência desse poder partilhado.

Portanto, o que deve ser feito é um movimento das pessoas que realmente gostam de ler junto às novas gerações, sem imposição mas sim procurando conquistar e seduzir os novos leitores. Vale lembrar que a insistência deve recair sobre a escolha do aluno em ser leitor, não sobre a imposição da leitura.

Um dos passos a ser considerado na formação de novas gerações leitoras é a questão do vínculo entre a leitura e o leitor baseado no afeto. O leitor somente se torna leitor-efetivo (aquele que realmente vive a leitura) quando se reconhece como um leitor-afetivo, ou seja, quando descobre o prazer que existe em ler. Afinal, a leitura, tanto quanto qualquer outra atividade intelectual, esportiva, social ou afetiva, precisa ser prazerosa aos sentidos, ao coração e à mente do leitor. Enquanto ela

for apenas uma tarefa escolar, engessada pelos moldes da instituição, sem vida, sem música, ela permanecerá no âmbito de tarefa. Enquanto for somente um hábito, como algo que se faz por necessidade, a leitura carregará consigo o aspecto mecânico, utilitário, mas não necessariamente o prazer. Quando a leitura for prazer, ela tomará conta do leitor, ela invadirá o seu universo e o instigará a conhecer o mundo da leitura. Por isso, a leitura precisa vir ancorada pela paixão, pela emoção, pela sensibilidade.

Um exemplo disso ocorre na escola, quando o aluno toma uma posição de quem está do lado oposto da ponte que o liga até a leitura. Surge, então, a figura do professor que fará o papel de cupido, o qual atira suas flechas do amor-pela-leitura no seu alvo, o aluno. Cria-se a expectativa de que, pelo menos alguns, dentre todos os alvos (alunos) sintam-se seduzidos pelo mundo da leitura. Não se espera que todos os alunos se apaixonem pela leitura, isso talvez fosse possível num mundo no qual não existissem outras formas de comunicação e interação. Mas, no mundo em que se vive hoje, no qual são muitos os cupidos com flechas de diferentes teores, buscando conquistar mais e mais novos alvos, quanto mais cupidos existirem, em prol da leitura, (pais, professores, colegas, mídia, etc.) mais serão as chances de transformar leitores esporádicos em leitores apaixonados.

Muitas são as instituições que vêm buscando cumprir esse papel de cupido e isso é, no mínimo, admirável, considerando que, na RCI-RS, a leitura não é considerada uma prática de todos, ou seja, uma característica cultural da região, pois carrega um passado marcado pela prática da não leitura. Além disso, refletindo sobre os comentários de alguns habitantes, nota-se que o mundo da leitura é um universo paralelo, é ‘pra gente estudada’, ‘é algo que se fazia quando se ia pra escola’, ‘é algo que se deveria fazer, mas não se faz’, ‘o tempo para ler é muito limitado’. As desculpas são as mesmas em todos os lugares, as ações é que podem ser diferentes. E essas instituições acreditam e buscam transformar o *habitus* de toda a comunidade, instituindo a leitura como uma prática cultural.

Sem dúvida alguma, é uma tarefa árdua e que exige paciência e persistência. Ainda mais considerando que, para essa comunidade, a leitura tem um valor cultural negativo, o valor de não fazer parte da sua cultura, de seu cotidiano, de não ser um *habitus*. Mas, o que é mais interessante é que existe, como se fosse uma ‘sombra’ que acompanha a cultura da comunidade, a idéia de que ela deveria ler. Essa ‘sombra’ vem à tona no discurso das pessoas quando dizem que ‘ler é bom’, ‘é necessário’; mesmo assim, é notável o tom de discurso ‘batido’, ‘surrado’, sem forças, mas que teima em persistir. Essas constatações sugerem que a comunidade guarda resquícios de um discurso que perdeu sentido, devido, entre outros motivos, ao excesso de cobrança e ao pouco prestígio da leitura pela comunidade. A ausência do prazer da leitura é reiterada e, dessa forma, a leitura não sai do discurso

para tornar-se *habitus*, para transformar-se em uma prática de todos, prestigiada por todos ou pela maioria como algo de valor.

Orlandi (1998, p. 45) diz que “o bom leitor é aquele que sabe que há outras leituras”. Do mesmo modo, esta reflexão não tem a mínima pretensão de esgotar as questões que envolvem as práticas de leitura e suas articulações com fatores extralingüísticos, como os socioeconômicos, históricos e culturais. Pelo contrário, a intenção era esboçar como se encontra a questão, abrindo, assim, um campo de discussão e de reflexão. Uma tentativa foi feita no sentido de diminuir as distâncias entre o que é conhecido e o que está por ser. Mas a busca pelo prazer do texto e o desejo de transformação e de mudança ainda estão presentes e, sem dúvida, impulsionarão as discussões e reflexões por vir.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação – elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: Id. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DURANTI, Alessandro. Teorías de la cultura. In: Id. *Antropología lingüística*. Trad. Pedro Terra. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GARCEZ, Lucília H. do Carmo. *Técnicas de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HERÉDIA, Vania B. M.; PAVIANI, Neires M. S. *Língua, cultura e valores – um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre a imigração italiana no Sul do Brasil*. Porto Alegre: EST, 2003, v. 1.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1995.
- LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra, 1996.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro – DAC/SEC, 1975.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- NEIS, Ignácio Antonio. A competência de leitura. *Letras de Hoje*, n. 15, v. 2, p. 43-57, 1982.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A leitura e os leitores*. Campinas; São Paulo: Pontes, 1998.
- PAVIANI, Neires M. S. *Linguagem e práticas culturais*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; ZILLES, Urbano. (Org.). In: *Filosofia: diálogo de horizontes*. Festschrift em homenagem a Jayme Paviani. Caxias do Sul: EDUCS, 2001, p. 583-592.

RÖSING, Tania M. K.; SILVA, Ana Carolina Martins da. *Práticas leitoras para uma cibercivilização II: 500 anos do Brasil – memórias que nossa consciência não escolheu*. Passo Fundo: UPF Ed., 2001.

SILVA, Ezequiel T. *Leitura & realidade brasileira*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.